

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.3 • 2022 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2022v9n3p567-581



O QUE AINDA PODEMOS DIZER ACERCA DO TEXTO CIENTÍFICO? INTERFACES DA ESCRITA NO PROCESSO DE AFILIAÇÃO ESTUDANTIL

WHAT CAN WE STILL SAY ABOUT THE SCIENTIFIC TEXT? WRITING
INTERFACES IN THE PROCESS OF STUDENT AFFILIATION

¿QUÉ PODEMOS DECIR TODAVÍA DEL TEXTO CIENTÍFICO?
INTERFACES DE ESCRITURA EN EL PROCESO DE
AFILIACIÓN DE ESTUDIANTES

Roi Rogeres Fernandes Filho¹
Georgina Gonçalves dos Santos²

RESUMO

Descrever o conteúdo pedagógico do componente Tópicos Especiais sobre a Universidade V: Universidade, Comunicação e Produção Acadêmica, ofertado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, vinculado ao Instituto de Humanidades Artes e Ciências professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, no semestre 2022.1 ministrado pela professora Flávia Rosa, é o tema principal deste artigo. O objetivo é contribuir com a literatura de suporte à escrita científica para estudantes de pós-graduação e refletir sobre as interfaces da escrita científica no processo de afiliação estudantil e sua abertura para outros saberes. Para atingir esses objetivos, recorreremos ao relato de experiência apoiado em pesquisa de natureza bibliográfica. Adota-se o conceito de multireferencialidade como fundamentação teórico-metodológica, tomado de empréstimo a Jacques Ardoino (1998). A base teórica está ancorada em materiais produzidos pelo Grupo de Pesquisa Observatório da Vida Estudantil; nos escritos do sociólogo francês Alain Coulon (2008), dentre outros (as). Encadeadas ao arcabouço teórico-metodológico utilizado, essas referências fortalecem a concepção de que durante o processo de afiliação estudantil até tornarem-se membros, os (as) estudantes deslocam-se nas trilhas do aprendizado até chegar à produção científica, de modo que esse aspecto se evidencia na escrita, quando uma série de competências são adquiridas para que atinjam a condição de membro. As conclusões sugerem que componentes curriculares dessa natureza são ferramentas pedagógicas vitais à universidade, especialmente, no princípio do itinerário estudantil dos(as) que iniciam a vida universitária.

PALAVRAS-CHAVE

Universidade. Escrita científica. Afiliação estudantil. Multirreferencialidade.

ABSTRACT

The objective of this article is to describe the pedagogical content of the component Special Topics on the University V: University, Communication and Academic Production, offered in the Graduate Program in Interdisciplinary Studies on the University, linked to the Institute of Humanities Arts and Sciences professor Milton Santos, of the Federal University of Bahia, in the semester 2022.1 taught by the professor Flávia Rosa. The aim is to contribute to the literature supporting scientific writing for graduate students, and to reflect on the interfaces of scientific writing in the process of student affiliation and its openness to another knowledge. To achieve these objectives, we resorted to the experience report supported by bibliographical research. We adopted the concept of *multireferentiality* as a theoretical and methodological foundation, borrowed from Jacques Ardoino (1998). The theoretical base is anchored in materials produced by the Research Group Observatory of Student Life; in the writings of the French sociologist Alain Coulon (2008), among others. Grounded to the theoretical and methodological framework used, these references strengthen the conception that during the process of student affiliation until they become members, the students move along the paths of learning until they reach scientific production, so that this aspect becomes evident in writing, when a series of competencies are acquired to reach a member condition. The conclusions suggest that curricular components of this nature are vital pedagogical tools at the university, especially at the beginning of the student's itinerary of those who start their path at university.

KEYWORDS

University. Scientific Writing. Student Membership. Multireferentiality.

RESUMEN

Describir el contenido pedagógico del componente Temas Especiales sobre la Universidad V: Universidad, Comunicación y Producción Académica, ofrecido en el Programa de Posgrado en Estudios Interdisciplinarios sobre la Universidad, vinculado al Instituto de Humanidades Artes y Ciencias profesor Milton Santos, de la Universidad Federal de Bahía, en el semestre 2022.1 impartido por la profesora Flávia Rosa, es el tema principal de este artículo. El objetivo es contribuir a la literatura de apoyo

a la escritura científica para los estudiantes de posgrado y reflexionar sobre las interfaces de la escritura científica en el proceso de afiliación de los estudiantes y su apertura a otros conocimientos. Para alcanzar estos objetivos, hemos recurrido al informe de experiencias apoyado en investigaciones de carácter bibliográfico. Adoptamos el concepto de multirreferencialidad como base teórica y metodológica, tomado de Jacques Ardoino (1998). La base teórica está anclada en los materiales producidos por el Grupo de Investigación Observatorio de la Vida Estudiantil; en los escritos del sociólogo francés Alain Coulon (2008), entre otros. Encadenados al marco teórico-metodológico utilizado, estos referentes refuerzan la concepción de que, durante el proceso de afiliación de los estudiantes hasta llegar a ser miembros, éstos se mueven por los caminos del aprendizaje hasta llegar a la producción científica, por lo que este aspecto se hace evidente en la escritura, cuando se adquieren una serie de competencias para llegar a la condición de miembro. Las conclusiones sugieren que los componentes curriculares de esta naturaleza son herramientas pedagógicas vitales para la universidad, especialmente al inicio del itinerario estudiantil de quienes comienzan la vida universitaria.

PALABRAS CLAVE

Universidad. Escritura científica. Afiliación de estudiantes. Multirreferencialidad.

1 INTRODUÇÃO

Escrever nem uma coisa
 Nem outra-
 A fim de dizer todas –
 Ou, pelo menos, nenhuma.
 Assim,
 Ao poeta faz bem
 Desexplicar –
 Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.
 (BARROS, 1989, p. 8).

Como resultado da eficácia das políticas de ações afirmativas, implementadas a partir da Lei nº 12.711 conhecida como “Lei de Cotas” e aprovada em 2012 pelo Congresso Nacional, as universidades brasileiras têm – notadamente – cada vez mais estudantes negros(as), oriundos dos Povos de África, representantes dos Povos Indígenas, Quilombolas, Povos Cigano(as), Pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneros), Refugiados(as) e Pessoas com necessidades especiais confirmando a diversidade de seu público.

Não há dúvidas de que inúmeras são as diferenças que caracterizam esses novos(as) ingressantes cuja origem encontra-se em grupos sociais e étnicos historicamente ausentes da vida acadêmica.

Com isso, a universidade se vê desafiada na compreensão e no reconhecimento dos saberes que esses estudantes são portadores e que chegam sendo, muitas vezes, os primeiros das suas famílias a acessar o ensino superior.

Sem tradição educacional familiar, ou seja, sem referências escolares próximas, os improváveis universitários de hoje são portadores e mensageiros de saberes tradicionais, em grande medida orais, vez que compartilham outras cosmologias e visões particulares de mundo. Não são poucos os estranhamentos que podem acometer esses estudantes ao se depararem com o desconhecido, mas, também, fascinante universo que é a universidade.

É nesse ponto que a escrita científica se torna um dos principais entraves para esses novos estudantes o que exige, além da plena abertura para o entendimento e o reconhecimento dos seus saberes, sensibilidade e empatia para conduzi-los para “a outra margem do rio”, como sugere Sampaio (2021).

A compreensão dessas diferenças, bem como a criação de estratégias pedagógicas em benefício da afiliação estudantil desse novo público, convoca as Instituições de Ensino Superior (IES) a desenvolverem novas políticas e métodos pedagógicos de ensino que acolham as questões apresentadas por esses grupos, tendo como meta primeira a sua permanência no ensino superior. Para isso, crucial é o aprendizado da escrita do texto científico – não raras vezes o temor dos estudantes que iniciam sua trajetória acadêmica.

Engendrar estratégias para evitar o fantasma da evasão e permitir que esses estudantes sejam alçados à condição de membros requer assegurar também o ensino da escrita científica, considerando as questões e dificuldades que são apresentadas por eles (COULON, 2008). Desse modo, a escrita científica é um mecanismo de ação que requer atenção dos docentes e equipes pedagógicas, pois assume papel fundamental para a eficácia das políticas de reparação e o pleno acolhimento desses novos públicos.

Segundo Coulon (2008), durante o processo de afiliação até tornar-se um membro, o(a) estudante desloca-se nas trilhas do aprendizado até chegar à afiliação e à produção intelectual que exige uma série de competências adquiridas. Nesse limiar, a professora Flávia Rosa, docente permanente do Programa de Pós- Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia (PPGEISU/IHAC-UFBA), apresentou, no semestre 2022.1, em modalidade presencial, o componente Tópicos Especiais sobre a Universidade II – Comunicação e Produção Acadêmica³.

Este artigo objetiva descrever a estratégia pedagógica desse componente curricular, contribuir com a literatura de suporte à escrita científica para os que ingressam do ensino superior e refletir sobre suas interfaces como processo de afiliação estudantil.

Adotamos aqui a via do relato de experiência apoiado em pesquisa bibliográfica, fundamentada no conceito de multireferencialidade desenvolvido por Jacques Ardoino (1998). As discussões estão ancoradas em obras do Grupo de Pesquisa Observatório da Vida Estudantil e consultas aos escritos do sociólogo francês Alain Coulon (2008), dentre outros(as), no intuito de responder à questão suscitada no título: o que ainda podemos dizer acerca do texto científico?

3 A disciplina foi ministrada pela primeira vez, em 2017 por sugestão da Profa. Dra. Sonia Sampaio, então coordenadora do PPGEISU.

Este texto foi desenvolvido em duas sessões: na primeira, são descritos o conteúdo pedagógico do componente curricular e, na segunda, escrita em primeira pessoa, apresentamos reflexões do primeiro autor acerca das interfaces entre escrita científica e afiliação estudantil.

2 PREPARAR PARA (D)ESCREVER: UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

Com carga horária de 68 horas, o componente curricular Comunicação e Produção Acadêmica, apresenta como objetivo ampliar o conhecimento dos estudantes acerca da leitura e produção de textos científicos, como artefato para a consolidação de uma competência de leitura e escrita desta tipologia textual. Para atingir esse objetivo, foi concebida uma oficina, cujos métodos e recursos foram aliados a aulas expositivas, atividades práticas de elaboração de texto, análise de estruturas textuais, leitura e discussão de textos pertinentes, além de outras atividades participativas.

O conteúdo programático da disciplina envolveu temas vitais do universo científico, tais como: comunicação científica, práticas leitoras, estrutura do resumo, base de dados e fontes de informação, aspectos a serem respeitados para a redação de texto acadêmico, publicações científicas, resenha, fichamento, apresentações para seminários, tipos de pôster e quais os formatos utilizados para entrevistas, Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), artigos para periódico e resenha crítica.

A ementa do componente compreende: práticas textuais e de leituras dos textos acadêmicos e científicos; a produção textual escrita e a sua função social; aspectos do processo de produção textual; gêneros científicos; a linguagem científica e seus pressupostos; o discurso argumentativo, a sua função, natureza e divisão. Complementada pelas seguintes abordagens: elementos básicos para a produção de textos; coerência e coesão textual; linguagem científica: textos técnicos e científicos; elaboração e organização técnica do texto.

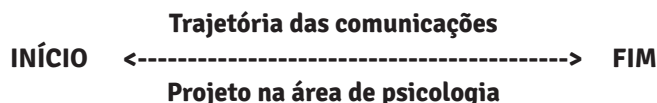
2.1 PRIMEIRAS AULAS

Os “Princípios e técnicas para elaboração de textos acadêmicos: pensando a pós-graduação”, foi o tema trabalhado na primeira aula do componente, iniciado em 9 de março de 2022. A comunicação do conhecimento científico (ciclos, etapas, agentes e canais); os aspectos centrais para a redação e argumentação de textos acadêmicos, e principais técnicas e orientações para a elaboração de projetos de pesquisa estiveram entre os assuntos apresentados em sala, definido como metas que os participantes identifiquem as etapas do levantamento bibliográfico; familiarizem-se com sistemas de busca de fontes de informação e uso de bases de dados; compreendam os movimentos de seleção, leitura e fichamento, além de diferenciar gêneros acadêmicos. Em pauta estiveram também os tipos de conhecimento, a saber:

- Empírico - baseado nas experiências, ametódico e assistemático;
- Científico – apoiado em método, teoria, estudo, experimentação, é um tipo de conhecimento sistemático;

- Filosófico – caracteriza-se pela liberdade do pensamento e da racionalidade, não se prende a métodos;
- Teológico - Tem a fé como elemento chave, é um conhecimento que tem como base a crença, sem entrar no mérito da razão.

A partir de Garvey (1979), foram esquematizados os processos de produção, disseminação, acesso e uso dos textos científicos em conexão com o modelo de fluxo da comunicação científica:



Primeiras comunicações – informais e de iniciativa do pesquisador;

Comunicações intermediárias – publicação em periódicos;

Publicações secundárias – serviços de indexação e resumo.

Fonte: Baseado em Garvey (1979).

Com base em Lievrouw (1992), esteve em debate os ciclos da comunicação científica, constituídos por:

Primeira etapa – fase da conceituação, na qual os processos comunicacionais se dão num âmbito bastante restrito em ocasiões informais;

Segunda etapa – fase da documentação, na qual os processos são mais elaborados num nível formal, envolvendo a avaliação pelos pares e considerando que existem regras a serem seguidas;

Terceira etapa – a popularização, envolve a divulgação do conhecimento de forma ampla para o público em geral.

Como utilizar os diferentes tipos de fontes: primárias, secundárias e terciárias, ou seja, os principais canais de informação: conversas, e-mails, *preprints*, palestras, artigos, livros e bases de dados, fez parte dos temas iniciais desenvolvidos na disciplina que insistiu sobre o fato de que a comunicação do conhecimento científico tem como princípios fundamentais a publicação de resultados e a revisão por pares reforçando o caráter provisório da verdade para o avanço científico. No processo de pesquisa, as publicações geradas seguem um fluxo que irá permitir que a informação científica seja apropriada para gerar novos conhecimentos, por meio do compartilhamento que resulta de publicações em canais informais, semiformais, formais.

A docente assinala que toda pesquisa, ao ser iniciada, requer um levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas, ou seja, o levantamento bibliográfico. Em sintonia com Macedo (1995), o levantamento bibliográfico trata da seleção de documentos que se relacionam com o problema/questão de pesquisa: livros, verbetes de enciclopédia, artigos de periódicos, trabalhos de congressos e teses são alguns exemplos.

Essa etapa é importante por indicar que precisamos nos familiarizar, como membros de determinado campo do conhecimento, acerca do seu desenvolvimento, mas que ele pode e deve receber novas pesquisas. Além de demonstrar que a nossa investigação está situada naquele campo e que se fundamenta em publicações prévias. A revisão de literatura, parte fundamental de qualquer trabalho

científico é capaz de reduzir a possibilidade de se trabalhar em vão. Um trabalho redigido sem consulta prévia de fontes, muito provavelmente revelará insuficiência de ideias ou de fundamentação, assim, utilizar, reconhecer e dar crédito à criação intelectual de outros autores, faz parte da **ética acadêmica** e aumenta o grau de ineditismo da pesquisa.

Algumas etapas são imprescindíveis para o levantamento bibliográfico, como estabelecer os objetivos para, em seguida realizar a sondagem e identificação de assuntos correlatos, situar as estratégias de busca, selecionar, e pontuar a localização para posterior leitura e fichamento.

Ainda na primeira parte do curso, nos foi apresentada uma aprofundada explanação dos principais Sistemas de Bibliotecas do Brasil, das formas de registros das pesquisas, além de aprendermos como utilizar os repositórios institucionais e as principais plataformas de buscas nacionais e internacionais. Discutimos também os principais gêneros acadêmicos: resumo, resenha, recensão, artigo, livro, bem como os elementos pré-textuais dos relatórios de pesquisa constituídos dos seguintes elementos, de acordo com Lubisco e Vieira (2019):

a) título, e subtítulo (se houver); b) nome (s) do(s) autor(es); c) resumo na língua do texto; d) palavras-chave na língua do texto.

E os elementos textuais, que se constituem de:

a) **Introdução** (delimitação do assunto tratado, os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do artigo);

b) **Desenvolvimento** (Parte principal do artigo, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto tratado. Divide-se em seções e subseções que variam em função da abordagem do tema e do método);

c) **Conclusão** (Parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões retomando os objetivos e confirmação ou refutação da/s hipótese/s). Deve incluir proposta e indicação para novas pesquisas, a partir dos resultados que foram apresentados e analisados.

O livro ganhou lugar de destaque na aula, sendo considerado um canal formal de publicação muito importante para áreas como Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, tendo como elementos dispensáveis: resumos e abstracts, longos agradecimentos, muita subdivisão em seções e subseções (numeração progressiva, opcional), repetição de conceitos, reprodução da metodologia, excesso de citações e uso de remissivas no corpo do texto. Por fim, realizamos uma atividade, na qual nós escolhemos um tema de interesse para a elaboração de um levantamento bibliográfico, utilizando, para isso, o que aprendemos nas aulas.

2.2 ESTRUTURA DO TEXTO DISSERTATIVO

Compreender o processo de produção do texto científico em suas etapas, bem como sua estrutura; apresentar as principais normas brasileiras para a produção de textos científicos e perceber a centralidade da ética na comunicação científica correspondem aos objetivos da aula seguinte, que iluminou a estrutura do texto dissertativo, composto, em síntese, por: Introdução, Referencial teórico, Revisão de literatura, Metodologia, Análise e discussão dos resultados e Conclusões.

A introdução deve conter a indicação da relevância do tema, contendo generalizações sobre o assunto, e os apontamentos sobre lacunas no conhecimento ou dificuldade para resolver problemas. A

Revisão de Literatura tem o propósito de reunir estudos anteriores de forma sistemática e abrangente. Enquanto o Referencial Teórico é mais enxuto e é construído em cima dos conceitos que possuem ligação com o objetivo do problema pesquisado.

O referencial teórico envolve a montagem do quadro de teórico, ligado diretamente ao problema de pesquisa. É a base para se obter subsídios, visando definir os diversos aspectos a serem objeto de levantamento de campo, tornando-se a base da construção de uma base conceitual e sistematizada do conhecimento disponível pertinente a ser pesquisado. Essa etapa requer um levantamento bibliográfico cuidadoso para analisar as contribuições já expressas acerca do assunto, capazes de esclarecer o fenômeno investigado; demonstrar que o trabalho está apoiado em conhecimentos teóricos e contribuir com informações inovadoras, acrescentando algo novo ao conhecimento já existente.

Já a metodologia tem por objetivo apresentar materiais e métodos empregados (participantes, instrumentos, critérios, procedimentos etc.). Elementos vitais no item metodologia são: a descrição do procedimento de coleta; descrição do procedimento experimental (caso haja); descrição do procedimento de análise de dados.

No tópico análise e discussão dos resultados, deve-se apresentar e interpretar os dados produzidos a discussão em relação ao que se avançou no conhecimento do problema, bem como em relação ao estado da arte/revisão de literatura. Na discussão, declara-se os resultados; avalia-se a descoberta e compara-se a descoberta com a literatura (referencial empírico). Chegando-se às conclusões, por meio das quais recupera-se a base de conhecimento compartilhado ao longo do trabalho bem como os objetivos propostos expondo considerações finais relativas aos resultados apresentados.

Pontua-se as formas diversas de numeração progressiva das seções de um documento com base na Norma da ABNT, NBR 6024/2012, que preconiza serem utilizados algarismos arábicos na numeração e indicar que se deve limitar a numeração progressiva até a seção quinária. O título das seções deve ser colocado após o indicativo de seção, alinhado à margem esquerda, separado por um espaço. O texto deve iniciar em outra linha. Ponto, hífen, travessão, parênteses ou qualquer sinal não podem ser utilizados entre o indicativo da seção e seu título.

Todas as seções devem conter um texto relacionado a elas e o indicativo das seções primárias deve ser grafado em números inteiros a partir de 1. Errata, agradecimentos, abreviaturas e siglas, lista de tabelas, símbolos, resumos, sumário, referências, glossário, apêndice, anexo e índice devem ser centralizados e não numerados com o mesmo destaque tipográfico das seções primárias. Os títulos com indicação numérica, que ocupem mais de uma linha, devem ser, a partir da segunda linha, alinhados abaixo da primeira letra da primeira palavra do título (LUBISCO; VIEIRA, 2019).

3 ORIENTAÇÕES PRÁTICAS PARA A ESCRITA CIENTÍFICA

A docente teceu orientações valiosas para a produção exitosa da escrita científica, tais como: títulos (curtos e representativos do conteúdo); evitar a translineação – passar uma sílaba para a linha seguinte gerando cacófono; impessoalidade – usar preferencialmente a 3ª pessoa do singular (pre-

cisa-se, evidencia-se, deve-se); manter o equilíbrio entre os tempos verbais e a mesma voz do início ao fim para evitar truncamento; evite expressões vagas: todo mundo, todos; evitar advérbios porque são marcas de pessoalidade – sempre, provavelmente etc.; evitar expressões irônicas ou metafóricas (MOURA; MOURA, 2017).

Complementa com outras ressalvas: não deixar nada subentendido – é importante primar pela objetividade e clareza; evitar parênteses para segmentos explicativos (aposto), preferir sempre vírgulas ou travessões; não usar – num, numa, pro, pra. Sugestões sobre o uso de verbos argumentativos – implicar, pressupor, afirmar, atestar, abranger, entre outros (MOURA; MOURA, 2017).

Orientações para interpretação de textos, coesão e clareza textual, estilo, clareza, parágrafos, uso de conectores, verbos, acentuação, pontuação, vocabulário, concordância, normalização de documentos, citações diretas e indiretas, bem como regras gerais para elaborar as referências: 1º passo: Identificar do que se trata a obra; 2º passo: Identificar a entrada da obra; 3º passo: Identificar o título da obra e demais elementos; 4º passo: Ordenar os elementos.

A limitação de espaço impossibilita sermos minuciosos e tratar de cada um dos temas trabalhados em sala de aula pelo componente Universidade, Comunicação e Produção Acadêmica. Cabe ressaltar que, além do vasto conteúdo pedagógico explanado com maestria, foram disponibilizados materiais de apoio, atividades dinâmicas, jogos de aprendizados.

Intenta-se que essa descrição do conteúdo pedagógico desse curso contribua com literatura de suporte à escrita científica para os ingressantes no ensino superior, tanto na graduação como na Pós, professores(as) e outros interessados(as) na escrita científica.

4 ANOTAÇÕES DE (RE)ABERTURA DA ESCRITA CIENTÍFICA PARA OUTROS SABERES

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer. (RAMOS, 2015, p. 125).

Concordo que “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”, como pensa o autor brasileiro Ramos (2015). É por isso que, nesta segunda parte deste texto, abro mão da impessoalidade e assumo a escrita na primeira pessoa, considerando esta uma estratégia de abertura para outros saberes quando rompe com o modelo hegemônico da escrita científica. Eu, aprendiz-pesquisador, estudante de mestrado, investigo o meu próprio itinerário universitário na condição de estudante cigano da etnia calon (maior grupo étnico de ciganos no Bra-

sil), que vivencia o dilema, transformado em projeto de pesquisa “entre as lonas e a universidade”, pela via do método autoetnográfico (SANTOS, 2017).

Tenho muita sorte por ter professoras comprometidas em coautoria neste artigo o que me ajuda a superar a insegurança tão comum para quem inicia a escrita científica. Elas incentivam, orientam, ponderam, questionam. Reestruturar meus escritos a partir das suas contribuições me faz refletir se o que escrevo condiz com o que realmente queria dizer.

Aprender a escrever na perspectiva científica, em alinhamento com Conceição (2015, p. 62), “requer uma nova relação entre o saber e o saber fazer, o que exerce uma pressão de natureza pedagógica, além de uma demanda de acesso sobre a universidade para a qual ela parece ainda não estar preparada”. Concordando com essa autora, acrescento que essa nova relação deve se pautar na abertura da universidade para os outros saberes.

Heringer (2015) realizou, com estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a pesquisa “Introdução a uma Sociologia dos Estudantes”, que teve dentre seus objetivos aprofundar as análises sobre as trajetórias de jovens de origem popular no seu caminho até o ingresso no ensino superior, na sua permanência na universidade e identificar os fatores que limitam as chances de estudantes de origem popular ingressarem e permanecerem no ensino superior. Nas entrevistas de trabalho de campo a autora investigou a relação dos estudantes com a redação de trabalhos escritos, e avaliou como “frequentes” as manifestações de dificuldades associadas a esta tarefa.

Vejam alguns exemplos apontados por Heringer (2015, p. 241):

‘Tenho dificuldade em começar a escrever.’ (Otávio).

‘Tenho dificuldade em redigir, em passar para o papel o que estou pensando.’ (Bernardo).

‘Tenho alguma dificuldade na escrita, repito muito as palavras.’ (Isadora)

‘Quando cheguei à faculdade, a escrita que eu estava acostumada não é a mesma escrita cobrada aqui.’ (Monica).

‘Eu escrevia, mas aqui tem que escrever corretamente.’ (Luisa).

‘O mais difícil para mim é conversar com o autor, fazer o link do que o autor está dizendo com a minha ideia [...]’. (Andrea).

Ainda de acordo com o estudo, praticamente todos os entrevistados afirmaram ter dificuldades com normas da ABNT, e em conhecer e diferenciar os tipos de trabalhos solicitados pelos professores, como resenha, resenha crítica, resumo e relatório. Essas narrativas não são exceções, mas representam muitos de nós, que chegamos “crus” na universidade e nem sempre temos a compreensão de que precisamos aprender uma série de coisas que se transformam em “bichos de sete cabeças”, sobretudo porque, muitas vezes, a escrita e, especialmente a científica, não fazem parte das nossas culturas familiares, de modo que nos afiliarmos, tanto institucional quanto intelectualmente Coulon (2008). É uma tarefa que requer paciência, resiliência, empatia e real abertura para os saberes desconhecidos que fazem parte do espaço da universidade.

É Coulon (2008) quem batiza de afiliação o processo de aprendizagem do “ofício” de estudante daqueles que chegam ao ensino superior. Ele chama atenção de que a tarefa requer assimilação dos códigos da instituição, aprendizado das regras, até que possível e apoderar-se delas, navegar por entre elas de forma habilidosa, considerando que estudantes que não conseguem afiliar-se à universidade fracassam. Para Coulon (2008, p. 32), afiliar-se é “[...] o método através do qual alguém adquire um status social novo”, ou seja, quando se adquire competências pertinentes ao ofício de estudante.

Segundo Coulon (2008), a chegada à universidade pode ser observada como um tipo de rito de passagem, decorrente em três momentos ou “tempos”. O primeiro é tempo do estranhamento, que marca o rompimento com o universo familiar e a entrada em um universo novo. O segundo, seria o tempo da aprendizagem, quando ocorre adaptação paulatina e a acomodação começa a se produzir. E, por fim, o terceiro e último, que se refere ao tempo da afiliação, o traquejo e absorção das regras, possível de ser identificada por meio da competência de interpretá-las, e até transgredi-las.

Souza e Santos (2017) assinalam que, embora possamos dizer que o afiliado é aquele que se tornou membro, esse processo nunca será finalizado em sua plenitude, dado que a cultura é mutável, assim como o sujeito que dela faz parte, pois novos desafios surgem e colocam à prova o *status* dessa afiliação. Em outras palavras, a afiliação consiste, em (re)conhecer e se apropriar das evidências e rotinas que são disseminadas nas práticas do ensino superior para alcançar o sucesso acadêmico, o que demanda por parte dos estudantes, construir uma identidade outra, pautada na passagem de *status*, apreensão e aplicação prática das regras estabelecidas no âmbito acadêmico. Sobre esse aspecto, dizem Souza e Santos (2017, p. 168):

Ao sentir-se membro da universidade, quando se desenvolve a afiliação institucional e intelectual, o estudante alcança uma sensação de segurança, familiaridade e identificação que o permite jogar com as normas, brincar com códigos e com a língua, sentir-se em casa.

Acerca dessas regras estabelecidas, Sampaio (2021) compreende que a nova diversidade estudantil, alcançada pelas políticas de cotas, ainda não é acompanhada pela admissão desses universos culturais que, frequentemente, entram em choque ou contradizem o pensamento hegemônico. Assim, “caminhar na direção de fazer circular e valorizar o que trazem esses novos contingentes de estudantes para a convivência universitária é tarefa política incontornável” (SAMPAIO, 2021, p. 75-76).

Tornar-se autor na universidade, ou seja, escrever de acordo com as normas da academia, é uma aquisição que necessita das técnicas que nos foram ensinadas no componente “Universidade, Comunicação e Produção Acadêmica”, apresentadas na primeira parte deste estudo. Mas além de fórmulas e saberes próprios da atividade, precisamos de autorização. Nesse sentido, assinala Sampaio (2021, p. 76, grifos da autora):

Não é interessante pensar que a palavra ‘autoria’ tenha a ver com ‘autorização’? Tornar-se autor não diz respeito a escrever um texto apoiado no que já disseram autores conhecidos. Ser autor é um processo lento e existencial durante o qual reconhecemos que o resultado de nosso esforço intelectual nos pertence e resulta de nossa história, com seus tropeços

e invenções. É desamarar a criatividade, liberá-la da camisa de força da insegurança, do olhar do outro e entrar no barco do desejo assumindo seu comando. Ser autor não é, entretanto, prerrogativa do domínio intelectual. É autor aquele que, a partir de um pedaço de argila, cria um objeto, um utensílio, uma forma. Nada disso existiu antes dele e, sem dúvida, existirá depois. Um autor cria música, um roteiro, uma dança, um jeito novo de fazer um prato na cozinha, uma oração. Livros e textos, entretanto, ameaçam mais que as outras autorias.... Aprendemos que, nesse tipo de produção é que se manifesta a inteligência. Inteligência que se confunde, erroneamente, com o que nos distingue dos outros animais. Mesmo isso não sendo verdade, assim o reproduzimos.

Na condição de estudante creio e defendo a tese de Sampaio (2021), para atravessar o rio, ou seja, avançar no tempo e nos ciclos até afiliarmo-nos por completo e chegar ao lugar de membro, os(as) estudantes, ainda que guiado(a)s, não somos cego(a)s que necessitam do amparo de uma bengala. Necessitamos sim, conhecer a água, o rio e a correnteza. Mas para isso, diz Sampaio (2021, p. 77) “Seu corpo, que afirma sua existência no mundo e revela sua unidade, deve estar disposto à aventura aprendendo a calcular os riscos inerentes à travessia, atribuindo o justo lugar à racionalidade científica, sem hipervalorizá-la”. Por fim, nos ilumina Sampaio (2021, p. 78) ao propor que:

Seja qual for a experiência individual de conduzir um estudo para alcançar um diploma, ela será, sempre e sobretudo, existencial quando mobiliza nossos recursos, expõe nossas debilidades, nos deixa à flor da pele. À flor da pele - linda expressão da língua portuguesa. Metaforicamente, indica que, depois de muitos mergulhos, acessamos a superfície de nós mesmos e o coração do nosso sujeito de pesquisa.

5 DISTANTE DE CONCLUIR, POSSÍVEL É APENAS (TENTAR) INFERIR

Agora só espero a despalavra: a palavra nascida para o canto-desde os pássaros. A palavra sem pronúncia, ágrafa. Quero o som que ainda não deu liga. (BARROS, 2011, p.75).

Longe de querer chegar a uma conclusão, o possível é apenas inferir que ainda há muito o que se dizer acerca das interfaces da escrita científica no processo de afiliação estudantil, especialmente porque uma plena abertura para os outros saberes que chegam com os novos perfis de estudantes no ensino superior requer mais do que nunca novos diálogos e estudos que reflitam as questões que esses estudantes apresentam para que atravessem as dificuldades da afiliação estudantil até que se autoconsiderem membros.

Cumpramos esse propósito o componente “Universidade, Comunicação e Produção Acadêmica”. Reivindicamos mais estratégias pedagógicas dessa natureza para que mais estudantes, na graduação ou pós-graduação, possam assumir as autorias de suas histórias, o que decerto requer apreender a escrita científica não como algo complicado e desagradável, mas como uma ferramenta vital capaz de fazer eclodir o pensamento (auto)crítico que nos conduz pelas estradas da ciência e sua escrita.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leva, 2011.

BARROS, M. **O guardador de águas**. São Paulo: Art., 1989.

COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: Edufba, 2008.

CARNEIRO, A. S. C., SAMPAIO, S. M. R. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. *In*: SAMPAIO, S. M. R. (org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: Edufba, 2011. p. 53-70.

CONCEIÇÃO, V. A. dos S. Ensino superior e qualidade na educação: que papel para o estudante? *In*: SAMPAIO, S. M. R.; SANTOS, G. G. dos; CARVALHO, A. (org.). **Observatório da vida estudantil**: avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo? Salvador: Edufba, 2015. p. 61-88.

GARVEY, W. D.; LIN, N., NELSON, C. E. **Communication in the physical and socialsciences**. Appendix I. Oxford: Pergamon Press, 1979.

HERINGER, R. “Organizando o Pensamento”: desafios da rotina acadêmica num curso de pedagogia. *In*: SAMPAIO, S. M. R.; SANTOS, G. G. dos; CARVALHO, A. (org.). **Observatório da vida estudantil**: avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo? Salvador: Edufba, 2015. p. 231-248.

LIEVROUW, L. A. Communication, representation and scientific knowledge: a conceptual framework and case study. **Knowledge and Policy**, 1992.

LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA, S. C. **Manual de estilo acadêmico**: trabalhos de conclusão de curso, dissertação, tese. 6. ed. Salvador: Edufba, 2019.

MACEDO, N. D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

MOURA, C; MOURA, W. **Tirando de letra**: orientações simples e práticas para escrever bem. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PLURAL, Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24, n. 1, 2017.

RAMOS, G. **Linhas tortas**. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SAMPAIO, S. M. R. Conduzir para a outra margem do rio. A tarefa acadêmica de orientação e suas vicissitudes. *In*: Mancovsky, V. (ed.). **Pedagogia de la formación doctoral**: Relatos vitales de directores de tesis. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2021. p. 70-79.

SANTOS, S. M. A. dos. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SOUZA, G. K. A. de; SANTOS, D. B. R. Da Afiliação à Permanência: o protagonismo da iniciação científica. *In*: SANTOS, G. G. dos; SAMPAIO, S. M. R.; VASCONCELOS, L. (org.). **Observatório da vida estudantil**: dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária, percurso e novas perspectivas. Salvador: Edufba, 2017. p. 153-172.

VASCONCELOS, L.; SANTOS, G.; SAMPAIO, S. M. R. Justiça cognitiva como dispositivo para fazer avançar as ações afirmativas. *In*: SANTOS, G. G. dos; VASCONCELOS, L. SAMPAIO, S. M. R. (org.). **Observatório da vida estudantil**: dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária, percurso e novas perspectivas. Salvador: Edufba, 2017. p. 247-270.

Recebido em: 8 de Março de 2022

Avaliado em: 19 de Maio de 2022

Aceito em: 6 de Julho de 2022



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2022 Revista Interfaces
Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma
licença Creative Commons Attribution-
NonCommercial 4.0 International License.

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU) (UFBA); Membro do Grupo de Pesquisa Observatório da Vida Estudantil (OVE) e do Coletivo @ciganagens.
E-mail: roirogeresff@gmail.com

2 Doutora em Sciences de l'Éducation - Université Paris VIII; Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Orientadora; Vice-líder do Grupo de Pesquisa Observatório da Vida Estudantil - OVE.
E-mail: georgina.goncalves.ufrb@gmail.com

